

A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXISTA: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Marilza Nayara Soares Nobre¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a relação trabalho e educação na sociedade capitalista. Trata-se de uma análise realizada através da pesquisa bibliográfica, buscando estudiosos que possibilitaram uma análise crítico-reflexiva sobre o tema, tais como: Marx, Saviani, Lessa. Destarte, realizou-se uma análise, inicialmente, do método dialético de Marx. Em seguida, procurou-se compreender a educação em Marx, aportando-se em suas principais categorias analíticas- alienação, estranhamento, coisificação, fetichismo da mercadoria. Num terceiro momento, tentou-se desvelar os seguintes questionamentos: trabalho e educação podem ser categorias analisadas dissociadamente? Existe uma identificação entre essas duas categorias? Educação é trabalho? Há de fato um princípio educativo no trabalho? Estes se traduzem como algumas indagações que permeiam as obras dos estudiosos marxistas contemporâneos e que neste trabalho se fazem presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Educação. Capitalismo. Marx.

ABSTRACT

This work has for objective to analyze the relationship work and education in capitalist society. This is an analysis conducted through bibliographical research, seeking scholars qse allowed a critical-reflexive analysis on the topic, such as: Marx, Saviani, Lessa. Thus, an analysis was carried out, initially, of the dialectical method of Marx. Then, we tried to understand education in Marx, bringing into its main analytical categories-alienation, estrangement, commodification, commodity fetishism. In a third moment, an attempt was made unveiling the following questions: work and education can be analyzed dissociadamente categories? There is a match between these two categories? Education is work? There is indeed an educational principle at work? Such questions are how some inquiries that permeate the works of contemporary Marxist scholars who are present in this work.

Keywords: Work. Education. Capitalism. Marx.

¹ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Pesquisas Sociais - NUPES da UECE. Docente na Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), no curso de Serviço Social. Servidora Pública Municipal, ocupando o cargo de Assistente Social, na Prefeitura Municipal de Beberibe (CE).

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou trazer uma investigação acerca da relação trabalho e educação em uma perspectiva marxista. Para tanto, estruturou-se em três tópicos.

Num primeiro momento abordou-se o método de Marx, possibilitando trazer algumas considerações de como este ainda nos pode ser percebido como aquele de transformação social.

Em um segundo momento evidenciaram-se as principais categorias marxianas - alienação, estranhamento, coisificação, fetichismo da mercadoria, buscando estabelecer uma relação de tais categorias com a educação.

Como finalização do trabalho em pauta, num terceiro tópico, fundamentou-se uma análise das categorias trabalho e educação mediante o seguinte questionamento: estas se configuram como categorias indissociáveis?

2 O MÉTODO DIALÉTICO DE MARX

Alguns textos de Marx serviram de subsídio para a construção deste tópico, quais são: Contribuição à Crítica da Economia Política (1857), “A sagrada família ou a crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes” (2003), “Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon” (2009).

Inicialmente, para se compreender o que é o método em Marx cabe ressaltar que não se trata de um método meramente empirista, pois este muito embora parta do real, dos fatos, geralmente é um método que parte da objetividade fragmentada. E, segundo Marx, quando tomamos apenas uma parte do objeto, isolado, sem mediações, o método passa a ser inócuo, ou seja, perde de vista a totalidade, se perde a transformação do real e do mundo. Na medida em que a realidade é tomada como uma totalidade é possível realizar uma re (construção) que, por sua vez, modifica o mundo. Neste sentido, para Marx, a realidade só pode ser transformada se apreendida como um todo.

O método de Marx é ao mesmo tempo uma aproximação ao empirismo (realidade, fatos); contudo, o empirismo se trata de uma aproximação da realidade dos fatos já dados, uma realidade mutilada e fragmentada, como mencionado anteriormente, de forma unilateral, perdendo de vista as mediações, a totalidade, não conseguindo desvelar o objeto, isto é, não altera a realidade, pois esta só pode ser apreendida mediante a totalidade. O fato

não consegue ser desvendado, uma vez que a pesquisa não ataca as mediações e acaba por corroborar com o *status quo*.

É, ainda, uma aproximação ao método hegeliano, visto que o objeto deve ser re (construído) pela razão. Porém, o método hegeliano (dialético) tem um objeto construído tão somente pelo pensamento. Neste sentido, ao passo que o método de Marx reconstrói o objeto, o método hegeliano constrói o objeto sem passar pelas mediações do objeto. Como afirma Marx (2011) acerca do método hegeliano:

Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento, que se concentra em próprio, se aprofunda em si próprio e se movimenta por si próprio, enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto [...]. (MARX, 2011, p.228-229).

Em Hegel, é a consciência que concebe o objeto; capta o objeto pelo conceito e ao conhecer o objeto, a consciência se conhece, ao elaborar o objeto a consciência se eleva. Assim, o objeto é um produto da consciência, pois ao conceber o objeto a consciência não entende que o concebe. Conceito é, em Hegel, a realidade pensada, em que a consciência vai modelando o objeto. No método especulativo o objeto é mero produto do pensamento, portanto, a realidade também é produto desse pensamento. Ao passo que para Hegel as particularidades devem ser “arrumadas” a partir do pensamento, Marx infere que o universal deve ser uma consequência.

O filósofo especulativo apenas leva a cabo essa contínua criação ao encaixar furtivamente, com se fosse determinações inventadas por ele mesmo [...] que são conhecidas universalmente e apresentadas à intuição real, atribuindo os nomes das coisas reais àquilo que apenas o intelecto abstrato pode criar, ou seja, às formulas abstratas do intelecto [...] A essa operação dá-se o nome, na terminologia especulativa, de conceber a substancia na condição de sujeito, como processo interior, como pessoa absoluta, concepção que forma o caráter essencial do método hegeliano (MARX, 2003, p. 75).

Uma coisa é perceber e compreender “o movimento histórico das relações de produção” e as categorias dele decorrente no processo real e concreto, outra é inferir que “as categorias são apenas a expressão teórica [...] pensamentos espontâneos, independentes das relações reais” (MARX, 2009, 121). Marx manifesta uma crítica severa em “A Miséria da Filosofia” (2009) justamente revelando que “as coisas” não são explicadas pela lógica. E isso foi feito por Hegel, conforme Marx, ao assinalar que a história da realidade é tida como uma sucessão de ideias. Se levássemos em consideração a razão lógica das coisas, poderíamos “considerar o movimento da razão pura como a origem desses pensamentos” (MARX, 2009, p.121), pois “se se encontra nas categorias lógicas a substância de todas as

coisas, imagina-se encontrar na fórmula lógica do movimento o método absoluto” (MARX, 2009, p.123).

Ainda, em a “Miséria da Filosofia”, Marx tece críticas à Proudhon, o qual se propunha a unir o empirismo inglês do economista David Ricardo e a especulação hegeliana. Entretanto, o mesmo não obteve sucesso nas duas perspectivas ao tentar explicar como as categorias tidas como imutáveis pelos economistas, tais como divisão do trabalho, moeda, produção burguesa, etc., são formuladas:

O Sr. Proudhon [...] compreendeu muito bem que os homens fazem os tecidos de lã, algodão e seda em relações determinadas de produção. Mas o que ele não compreendeu é que essas relações sociais determinadas são também produzidas pelos homens, como os tecidos de algodão, linho, etc. As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar a sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais [...]. (p.125).

Notamos que Marx pressupõe que são os próprios homens que estabelecem as relações sociais conforme a produtividade material produzida por eles, da mesma forma que também produzem “os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as relações sociais”. (p.126). Assim, Proudhon considera que toda categoria econômica tinha um “lado bom” e um “lado mau” (para utilizar as palavras de Marx), e na medida em que aplica o método dialético hegeliano, sua intencionalidade era distinguir dogmaticamente o bom e o mau, mas com a perspectiva de eliminar o lado mau e manter o bom. Proudhon utiliza tal argumento para explicar o aspecto positivo da escravidão, por exemplo:

A escravidão direta é o eixo da indústria burguesa, assim como as máquinas, o crédito etc. Sem escravidão, não teríamos o algodão; sem o algodão não teríamos a indústria moderna. A escravidão valorizou as colônias, as colônias criaram o comércio universal, o comércio que é a condição da grande indústria. Por isso, a escravidão é uma categoria econômica da mais alta importância [...] Sem a escravidão, a América do Norte, o país mais progredida, transformar-se-ia num país patriarcal. Tire-se a América do Norte do mapa do mundo e ter-se-á a anarquia, a completa decadência do comércio e da civilização modernos. Suprima-se a escravidão e ter-se-á apagado a América do Norte do mapa das nações. (MARX, 2009, p. 127-128).

Marx afirma que Proudhon, em verdade, renega a dialética de Hegel. O que de fato ele propunha, como citado anteriormente, era preservar o lado bom das categorias econômicas, cujo “verdadeiro fim prático” era a igualdade, em que “o lado bom de uma relação econômica é o que afirma a igualdade; o mau é o que nega a afirmação da desigualdade [...] toda nova categoria é uma hipótese para eliminar a desigualdade” (MARX, 2009, p.135).

Marx parte de uma realidade que é caótica, sendo necessário o pesquisador mergulhar para desvelá-la, transforma em conceito através da razão (pensamento) e retorna

a realidade expondo de forma crítica. A síntese, pois, é uma reconstrução do objeto de forma crítica.

Destarte, o método de Marx trata-se de um método de investigação, que se supõe um mergulho no ínterim do objeto a ser investigado para só, posteriormente, expô-lo esmiuçadamente. Por isso, a exposição não pode ser a priori, uma vez que é dada pela reflexão e esta só ocorre após o aprofundamento no objeto. Assim, investigação e exposição constituem momento do método dialético de Marx, como aponta Chagas (2011):

[...] pode-se dizer que o método dialético de Marx, pressupõe, sim, dois momentos inseparáveis: a investigação (ou a pesquisa) e a exposição (ou a apresentação). A investigação [...] é o esforço prévio de apropriação, pelo pensamento, das determinações do conteúdo do objeto no próprio objeto [...] E a exposição [...] não é simplesmente uma autoexposição do objeto, senão ele seria acrítico, mas é uma exposição crítica com base em suas contradições [...] A exposição é uma expressão (tradução) ideal do movimento efetivo do real, isto é, trata-se não de uma produção, mas de uma reprodução do movimento efetivo do material, do real, de tal modo que o real se ‘espelhe’ no ideal [...]. (CHAGAS, 2011, p.57).

Mas então por onde começar o processo de investigação? Qual é verdadeiramente o ponto de partida? Em a “Contribuição à Crítica da Economia Política” (2011), Marx aponta “que o melhor será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva” (p.228). Tece críticas ao método utilizado pela economia política que se realizava do geral para o particular. Assim, os economistas partiam, por exemplo, de uma categoria geral como a população, Estado (abstratamente) e depois a abstrações mais simples como as classes sociais, a divisão do trabalho. Como entender população sem compreender as lutas de classes que a atravessam? Como entender o capital sem o trabalho assalariado, o valor e o dinheiro? Neste sentido, Marx aponta que:

o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. (p.229).

Em Marx “a evolução do pensamento abstrato, que se eleva do mais simples ao mais complexo, corresponderia ao processo histórico real” (p. 231). Muito embora possa ocorrer que “um todo mais desenvolvido, relações que existiam já historicamente antes que o todo se desenvolvesse no sentido que encontra a sua expressão numa categoria mais concreta” (MARX, 2011, p. 231).

Assim, Marx parte de uma crítica ao modo como os economistas clássicos demonstravam que a produção material era uma construção abstrata e os indivíduos como “dado da natureza” e não como “produto da história”. Como bem salienta Chagas (2011) acerca do objeto de estudo de Marx:

[Marx] delimita seu objeto de investigação, a saber, a produção burguesa moderna, e defende o argumento de que nela os indivíduos não podem ser tomados, como aparecem na economia política, atomisticamente, já que eles são membros de um conjunto social, ou seja, se encontram interligados por meio de relações complexas que determinam seu ser social (CHAGAS, 2011, p. 66).

Ao passo que os economistas clássicos compreendiam a vida social abstratamente, como que governada por leis eternas e imutáveis, em que “produção, distribuição, troca e consumo” eram “partes isoladas do todo”. Destarte, Marx “parte da produção material socialmente determinada e demonstra que ela é um todo orgânico, dinâmico, uma rica totalidade de relações diversas” (CHAGAS, 2011, p. 67).

O método de Marx é uma crítica não só à economia política clássica, mas também ao método hegeliano. Mas o que Chagas (2011) salienta é que o método marxiano não nega o momento em que o real deva ser “pensado, concebido, reproduzido por meio do pensamento”, reconstruído através do concreto pensado, muito embora se deva partir do mais simples e abstrato para o mais complexo, da aparência para a essência, e não do universal para o particular como no método hegeliano. Em uma passagem, Marx clarifica a divergência de seu método e o de Hegel:

Meu método dialético, por seu fundamento, não só difere do método hegeliano, como também é a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em um sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua aparição externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado (MARX, 1962, p. 27 apud CHAGAS, 2011, p. 69).

Nota-se que Marx compreende a totalidade das relações sociais na sociedade burguesa. Seu método se propõe a um modelo de transformação social.

3 DESVELANDO A EDUCAÇÃO EM MARX

Partindo-se do pressuposto de que se pretende realizar uma análise cunhada na perspectiva marxista, não se poderia deixar de trazer a este texto as considerações de Marx acerca da educação e de sua relação com o trabalho. Muito embora quando se fala das matrizes da educação, a matriz marxista nem sempre tem Marx como autor, pois para alguns estudiosos este não abordou em sua obra a temática da educação. Como aponta Sousa Junior (2010):

A temática da educação jamais se constituiu, para Marx, como um problema central, pelo menos se tomada em sentido estrito, como processo formal de ensino-aprendizagem. Porém, mesmo não sendo a educação, no sentido apontado acima, um tema sobre o qual Marx houvesse dedicado especial atenção, ainda assim, acredita-se que sua obra ofereça grande contribuição para a discussão do

tema, especialmente se a concepção de educação se amplia para além dos processos formais e dos espaços institucionalizados (SOUSA JUNIOR, 2010, p.)

Na perspectiva Marxiana, Tonet (2013), afirma que buscar compreender a concepção da educação em Marx, pode seguir dois caminhos:

O primeiro: considerando que Marx não escreveu nenhuma obra específica sobre a questão da educação, tratar-se-ia de rastrear, nas suas obras, as passagens em que ele se refere a esta problemática. O segundo: buscar, em primeiro lugar, a arquitetura mais geral do pensamento de Marx, para em seguida, apreender, o sentido da atividade educativa no interior desse quadro arquitetônico. Como essa arquitetura significa uma teoria geral do ser social, esse caminho implicaria, em primeiro lugar, a resposta à pergunta pela natureza geral e essencial do ser social. Só num segundo momento é que se buscaria a resposta acerca da natureza da educação (TONET, 2013, p. 1).

A educação em Marx é uma práxis articulada com o processo de construção social; como uma atividade humana. Assim, a educação está misturada com todas as reflexões marxistas, quais sejam: filosofia, economia, sociologia. A Educação é práxis humana (transforma o mundo e os homens) e envolve questões de formação política, etc.

A educação perpassa todas as categorias filosóficas presentes na obra marxiana, a saber: alienação, estranhamento, coisificação, fetichismo da mercadoria, pois o que está por detrás é o sujeito em formação. Assim, a alienação como processo de separação entre sujeito e produto, que esgota o sujeito no processo de criação, que não se reconhece no objeto, bem como alienação como a relação que é o efeito da separação da alienação afetam o sujeito, tem sua práxis na elaboração dos valores de uso e ambas constituem o processo pedagógico. O processo que transforma as pessoas no processo de fetichização das mercadorias também é um processo pedagógico de educação, pois está presente a relação do sujeito com a mercadoria.

Nas categorias políticas *classe-em-si*, como uma classe que não se reconhece, bem como a *classe-para-si* que se dá conta de seu lugar na história, na reprodução social, também estão presentes o processo de educação, uma vez que a consciência exerce papel relevante para que a classe trabalhadora, através dos partidos e sindicatos, esteja em processo de formação.

A revolução social também é um processo pedagógico, pois o sujeito que faz revolução deve ter algum grau de consciência política. Os sujeitos revolucionários não se tornam revolucionários aleatoriamente, sendo necessário um processo de formação dos mesmos. Assim, a consciência revolucionária é um objeto pedagógico. Ele é um processo educativo, pois “pretende romper com toda a ordem vigente [...] e formar o homem para

novas relações nas quais possa ele afirmar-se e reconhecer-se em liberdade plena” (SOUZA JUNIOR, 2010,p).

Neste sentido, a educação encontra-se na obra de Marx porque ela faz essencial das categorias marxianas. As propostas explícitas da Educação de Marx são: união trabalho e ensino que pode ser encontrada no “Manifesto do Partido Comunista”, “Instrução aos Delegados”; “O Capital”; A Politecnia que articula três dimensões, ensino geral (ciências, matemática), ensino tecnológico (métodos, técnicas) e físicos.

Não é possível pensar o ser social, que vive porque trabalha e age-pensa-fala com outros, sem que se ponha em relevo o caráter pedagógico do processo de constituição da sociabilidade humana, seja na perspectiva da ‘civilização’, seja na perspectiva da ‘barbárie’ – dimensões, que se complementam dentro do sócio-metabolismo do capital (SOUSA JUNIOR, 2010, p.).

A primeira conquista marxista está em afirmar a educação para além da escola; o segundo passo é compreender que o trabalho é a atividade fundamental formadora do homem. Mesmo sendo o trabalho alienado, este permanece como princípio educativo. A educação não se trata apenas de um processo progressista, de melhoramento, de aperfeiçoamento, mas a educação é o amplo processo de modificação do sujeito, seja para o seu aperfeiçoamento ou decaimento. A alienação não é apenas do trabalhador com a atividade, mas identifica no trabalhador o sujeito mais afetado pela alienação e, mesmo assim, é um processo de formação desse sujeito.

4 TRABALHO E EDUCAÇÃO: CATEGORIAS DISSOCIADAS?

Parte-se, inicialmente, dos seguintes questionamentos: trabalho e educação podem ser categorias analisadas dissociadamente? Existe uma identificação entre essas duas categorias? Educação é trabalho? Há de fato um princípio educativo no trabalho? São algumas indagações que permeiam as obras dos estudiosos marxistas contemporâneos e que neste trabalho se fazem presentes.

Lessa (2007), parte do pressuposto de que educação não é trabalho, pois tendo sido fundada pelo este não pode ser trabalho. Em sua análise, Lessa se apropria da obra “Pedagogia Histórico-Crítica” de Dermeval Saviani, mais especificamente dos três primeiros parágrafos do texto I, qual seja, “Sobre a natureza e especificidade da educação”. Lessa não discorda da perspectiva de Saviani quando este afirma que o trabalho é categoria fundante do mundo dos homens, contudo faz o seguinte questionamento: “se o trabalho transforma a natureza e a educação não transforma, como pode haver uma identificação

entre as duas categorias”? Para o referido autor a educação pode ser apenas necessária ao trabalho, mas não exerce a mesma função social deste. Embora sejam categorias que se apresentem na mesma esfera ontológica, representam complexos diferentes. Para Lessa só seria possível pensar em trabalho como princípio educativo se o trabalho se confundisse com educação e como não é possível, para este, logo, trabalho não é princípio educativo.

Lessa traz uma dimensão um tanto lógica em sua análise. O que seria uma categoria fundante? Não se trata, pois, apenas de um alicerce, mas é fundante porque forma o homem, projeta suas ações. Assim, cabe compreender a práxis composta por todas as outras atividades humanas – aqui não entra o trabalho – dentre as quais se coloca a educação, sendo nesse conjunto que há a formação humana.

Em “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos” Saviani traz aspectos interessantes para se pensar a relação trabalho e educação. Conforme o autor, estas são atividades intrínsecas ao homem, destarte somente o ser humano tem capacidade de trabalhar e educar, tendo estas duas categorias, inicialmente, uma relação de identidade:

[...] no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações (SAVIANI, 2007, p. 154).

Neste sentido, o ato do homem agir sobre a natureza modificando-a conforme suas necessidades é o que se denomina de trabalho. Logo, a essência do homem é o próprio trabalho, que por sua vez se traduz como processo histórico e não um dado na natureza. Como infere Saviani (2007):

A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (IBDEM, p. 154).

O homem constrói a sua própria história e dos outros homens mediante o intercâmbio com a natureza, sendo as transformações no mundo dos homens decorrentes não de atividade individual, mas social pela mediação do trabalho. Como expõe Marx (2010): “o trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (sinnlich). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo”

(p.81). Marx aponta que também o animal produz, mas só produz aquilo que necessita para si, ao passo que o homem produz de forma universal:

O animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; [no animal,] o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem de defronta livremente com o seu produto. (MARX, 2010, p.85).

Houve um momento em que as atividades humanas eram pouco desenvolvidas e o trabalho ocupava grande parte da existência humana, este o trabalho colocava para a humanidade um conjunto de outras práticas. Em princípio, trabalho e educação eram processos imbricados, não havia uma separação.

Nas comunidades primitivas “os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e educavam as novas gerações” (SAVIANI, 2007, p. 154). Assim, não havia divisão de classes e a educação se identificava com a vida.

A partir do momento em que a sociedade passa a se dividir em classes, cuja propriedade privada da terra passa a ter uma classe determinada, ou seja, dos proprietários, enquanto os não-proprietários não partilham dessa apropriação, momento histórico que também vivencia a sociedade se dividindo em classes, ocasionará uma separação entre trabalho e educação. A classe dos proprietários passará a viver do trabalho alheio, ou seja, não precisará mais trabalhar. Essa divisão também ocasionará uma cisão na educação, pois haverá uma educação diferenciada para os proprietários e não-proprietários. Aos proprietários a educação foi transformada em escola e esta passou a ser a educação propriamente dita, enquanto à outra classe a educação continuou a existir a relação com os processos de trabalho. (SAVIANI, 2007).

Especificamente às sociedades de classes escravista e feudal foram responsáveis pela dissociação entre trabalho e educação, devido ao próprio desenvolvimento do processo de produção. Assim, o modo de produzir mercadorias foi decisivo da forma organizacional escolar se separar da produção em si.

Com a revolução Industrial nota-se uma tentativa de reestabelecer a relação entre trabalho e educação, pois aquela pôs em xeque a dissociação entre trabalho produtivo e instrução necessitando, assim, que a escola ligasse-se ao mundo produtivo. (SAVIANI, 2007).

Como pensar no atual estágio de desenvolvimento do sistema capitalista a união entre trabalho e ensino/ educação/ instrução. Um dos fatores de maior importância em analisar a obra marxiana é perceber que a educação não pode ser vislumbrada apenas na forma da educação institucionalizada, tal como a vivenciamos atualmente. Quando colocamos na educação o processo de transformação desta sociabilidade em uma outra, muitas vezes ela é identificada com a instituição escolar. Mas será que a escola é a principal agente de transformação do sujeito? Que outros espaços poderiam ser lugares de formação humana? Além disso, outras dúvidas que surgem diz respeito à categoria práxis, uma vez que não é citada nos trabalhos que envolvem “Trabalho e Educação”, sendo a categoria trabalho a fundante e à que se faz referência na maioria dos estudos. Mas será que apenas o trabalho dá conta de todos os processo que envolvem a formação humana²?

O trabalho fala de um tipo de atividade específica. As outras dimensões da formação humana, das outras objetivações humanas que não são essas da relação homem/natureza não são trabalho, mas que são essenciais, como a estética, a cultura. A práxis não é o intercâmbio do homem com a natureza, mas do homem com outros homens.

CONSIDERAÇÕES

A categoria trabalho no que concerne à sua centralidade na (re) produção material da vida dos homens na sociedade contemporânea é central. O capitalismo contemporâneo, pois, não suprimiu o trabalho, mas o redimensionou, de forma a garantir a manutenção do sistema de capital através de transformações como a reestruturação produtiva, desemprego estrutural, fragmentação do trabalho e da classe trabalhadora, aumento do trabalho informal, autônomo, doméstico, etc. Neste sentido, nem todas as atividades humanas são trabalho, no entanto, mesmo neste contexto diverso o trabalho continua central na vida humana.

Nota-se que Marx compreende a totalidade das relações sociais na sociedade burguesa. Seu método se propõe a um modelo de transformação social e nos vem o questionamento “é possível uma nova sociabilidade no momento em que se encontra o capitalismo atual”? Com relações de trabalho (emprego) cada vez mais fragmentadas, em que a classe trabalhadora não se reconhece enquanto sujeitos explorados coletivamente,

² Considerações da práxis trazidas neste trabalho são advindas das discussões na disciplina Trabalho e Educação do Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal do Ceará, que tem como professor Justino de Souza Júnior, que atualmente desenvolve seus estudos nesta área.

que quantificam a riqueza socialmente produzida em mãos de poucos. E como podemos fazer uso consciente da abordagem marxista na produção do conhecimento? Seremos meros reprodutores da conjuntura de exploração atual ou utilizaremos em benefício da classe trabalhadora? É possível o restabelecimento da identidade do trabalho com a educação no contexto atual?

REFERÊNCIAS

CHAGAS Eduardo F. **O Método Dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto**. Revista de Filosofia, v.38, Nº 120, 2011, p. 55-70.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A sagrada família ou a crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Tradução e notas Marcelo Beckes. 1. ed. Boitempo: São Paulo, 2003. p.72-75.

FREDERICO, Celso. Classes e lutas sociais. p. 256 à p.264, 2009.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 105-125.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon**. Tradução de José Paulo Netto. 1. ed. Expressão Popular: São Paulo, 2009. p. 119-257.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. ed. 4. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Trabalho encomendado pelo GT – Trabalho e educação. 29ª. Reunião anual da ANPED, Caxambu 2006.

SOUSA Jr. J. de. **Marx e a crítica da educação** – da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2010, pp. 71-96.

TONET, Ivo. **Marxismo e educação**. Disponível em: <http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MARXISMO_E_EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 07 jan de 2013.